

**Língua Portuguesa - Questões de 01 a 15**

Leia o texto abaixo e responda às questões de 01 a 15.

**A morte das palavras**

- § 1 Palavras são como as pessoas: nascem, vivem e morrem. Umas de morte morrida, tão velhas ficaram como as coisas que designavam. Quem hoje penteia suas madeixas ou anda de tilburi? Quem hoje compra rapé ou usa pince-nez?
- § 2 Outras morrem de morte matada: são substituídas por palavras mais modernas, mais "antenadas" com nosso tempo. Quem hoje chamaria o goleiro de quíper ou o médio-volante de centeralfo? Quem chamaria "locutor" de speaker? Quem ainda datilografa o próprio nome ou disca um número no telefone? Evidentemente, as palavras são o espelho da realidade e mudam com o mesmo dinamismo com que muda a realidade. Logo, não é de causar pesar a morte de certas palavras, embora outras, de tão belo uso em tempos passados na boca ou na pena de nossos grandes escritores, tenham sido sentenciadas de morte em tribunal de legitimidade duvidosa, como "favela", "aleijão", "prenhez"...
- § 3 Mas o espantoso é que até palavras gramaticais, aquelas que não espelham a realidade, apenas fazem a língua funcionar, também morram – por vezes, assassinadas pelos próprios falantes. É o caso de "cujo", pronome relativo possessivo, muito útil no passado, mas que, talvez por obrigar a uma inversão sintática da oração, começou a causar embaraço aos usuários menos destros do vernáculo. Especialmente quando está em jogo outra pedra no sapato dos falantes egressos de nosso ensino público: a concordância. E assim até falantes supostamente cultos (pelo menos, portadores de diploma universitário) fazem certos malabarismos verbais para evitar o emprego de um "cujo" que, mal colocado, é uma verdadeira casca de banana à espera do transeunte incauto. E dá-lhe "a pessoa que o nome dela eu não lembro agora" ou "o sujeito que o filho é médico". Às vezes, ocorre o oposto: querendo parecer letrado, o gaiato sapeca um "cujo o qual": "troquei a lâmpada cuja a qual estava queimada".
- § 4 Por razões que desconheço, "onde", antigo advérbio de lugar, tomou o lugar do falecido "cujo" em frases como "o candidato onde as propostas são melhores" e coisas do tipo. Talvez a origem desse uso tenha um dia sido de fato locativa: "a cidade cujos habitantes têm a maior renda" passou a alternar com "a cidade onde os habitantes têm a maior renda". Só que daí a "onde" virar palavra passe-par-tout foi um pulo.
- § 5 E "tampouco", quem ainda usa? Algum trocadilhista poderia objetar que essa palavra hoje se usa tão pouco... Mas o fato é que renunciamos a um vocábulo legitimamente pertencente a nosso sistema gramatical, já que é antônimo de "também", para em seu lugar empregarmos o insípido e menos econômico "também não": "Eu não fui à festa, e João também não". Claro que construções mais literárias como "Mas não estou triste, tampouco alegre, não estou sentindo nada, pode jogar água fervida no meu peito, não vou gritar, não vou levantar, eu não estou aqui, ninguém está me vendo, eu não estou me vendo" (Martha Medeiros) ficariam empobrecidas se tascássemos um "também não" no lugar de "tampouco": "Mas não estou triste, também não alegre...".
- § 6 Vejam que não estou falando de palavras rebuscadas, índice de erudição pedante, como "obséquio" ou "contradança"; estou falando de palavras que têm equivalentes em outras línguas perfeitamente vivos e vigorosos: qualquer um que aprenda inglês ou espanhol terá de saber usar whose, either, neither, cuyo, assimismo, tampoco.
- § 7 A realidade é que certas palavras e expressões como "outrossim", "sobremaneira", "deveras", "com efeito", "debalde", "dar azo", se perderam nas brumas do passado, e outras não nasceram para substituí-las. Ou seja, o idioma apenas se empobreceu de recursos expressivos, na mesma medida talvez em que se encheu de termos técnicos. Para um amante das palavras, para um cultor do estilo, para um admirador da língua, esse passamento dos vocábulos pode ser melancólico e suscitar nostalgia de um tempo quiçá mais poético. Mas, como disse Drummond na crônica Antigamente, "tudo isso era antigamente, isto é, outrora".

(BIZZOCCHI, Aldo. **A morte das palavras**. Disponível em: <<http://revistalingua.com.br/textos/blog-abizzocchi/a-morte-das-palavras-326407-1.asp>>. Acesso em: 21 fev. 2017.)

01. O objetivo comunicativo do texto é:

- Retificar que desapareceram na língua portuguesa vários recursos expressivos significativos.
- Evidenciar que em geral as pessoas utilizam algumas palavras para enfatizar o seu ponto de vista.
- Ressaltar os significados de algumas palavras de acordo com as especificidades gramaticais da língua portuguesa.
- Mostrar que certas palavras têm um período de existência na língua portuguesa e que depois desaparecem sem serem substituídas.

02. De acordo com o texto, é CORRETO afirmar:

- a) Por vezes, algumas palavras caem em desuso por um período pela falta de habilidade dos próprios usuários da língua em utilizá-las.
- b) Palavras são como pessoas: nascem, vivem e morrem. Além disso, com o tempo, são substituídas por outras mais modernas embora isso sempre cause pesar.
- c) Frequentemente os falantes substituem certas palavras por outras, o que pode empobrecer algumas construções literárias.
- d) Não são apenas os vocábulos eruditos ou rebuscados que acabam por ser substituídos por outros com equivalentes em outros idiomas.

03. “Ou seja, o idioma apenas se empobreceu de recursos expressivos, na mesma medida talvez em que se encheu de termos técnicos.” (§ 7)

A expressão sublinhada, no fragmento acima, introduz uma ideia de:

- a) inclusão
- b) exclusão.
- c) explicação.
- d) contradição.

04. “Palavras são como as pessoas: nascem, vivem e morrem. Umas de morte morrida, tão velhas ficaram como as coisas que designavam.” (§ 1)

Na passagem acima, o termo sublinhado faz referência no texto a:

- a) coisas.
- b) palavras.
- c) pessoas.
- d) velhas.

05. Em relação às informações sublinhadas nas passagens abaixo, assinale aquela que NÃO indica uma avaliação por parte do autor do texto:

- a) “[...] qualquer um que aprenda inglês ou espanhol terá de saber usar whose, either, neither, cuyo, assimismo, tampoco.” (§ 6)
- b) “Evidentemente, as palavras são o espelho da realidade e mudam com o mesmo dinamismo com que muda a realidade.” (§ 2)
- c) “E assim até falantes supostamente cultos (pelo menos, portadores de diploma universitário) fazem certos malabarismos verbais para evitar o emprego de um ‘cujo’ [...].” (§ 3)
- d) “É o caso de ‘cujo’, pronome relativo possessivo, muito útil no passado, mas que, talvez por obrigar a uma inversão sintática da oração, começou a causar embaraço aos usuários [...].” (§ 3)

06. “Logo, não é de causar pesar a morte de certas palavras, embora outras, de tão belo uso em tempos passados na boca ou na pena de nossos grandes escritores [...].” (§ 2)

No trecho acima, as palavras sublinhadas introduzem, respectivamente, as noções de:

- a) concessão, conclusão e adversidade.
- b) conclusão, concessão e alternância.
- c) conclusão, comparação e alternância.
- d) comparação, concessão e adversidade.

07. “Ou seja, o idioma apenas se empobreceu de recursos expressivos, na mesma medida talvez em que se encheu de termos técnicos.” (§ 7)

Na passagem acima, a expressão sublinhada é substituída, sem prejuízo de sentido, em:

- a) Ou seja, o idioma apenas se empobreceu de recursos expressivos, por mais que talvez tenha se enchedo de termos técnicos.
- b) Ou seja, o idioma apenas se empobreceu de recursos expressivos ainda que talvez tenha se enchedo de termos técnicos.
- c) Ou seja, o idioma apenas se empobreceu de recursos expressivos, à proporção que talvez tenha se enchedo de termos técnicos.
- d) Ou seja, o idioma apenas se empobreceu de recursos expressivos, sendo que talvez tenha se enchedo de termos técnicos.

08. “Mas o espantoso é que até palavras gramaticais, aquelas que não espelham a realidade, apenas fazem a língua funcionar, também morram – por vezes, assassinadas pelos próprios falantes.” (§ 3)

Em relação ao trecho acima, é INCORRETO afirmar:

- a) O termo “até” possui um sentido denotativo de inclusão.
- b) O travessão foi usado com a intenção de retificar um raciocínio do autor.
- c) A conjunção “mas” pode ser substituída sem prejuízo de sentido pelo termo “entretanto”.
- d) A palavra “espantoso” evidencia a posição do autor em relação à morte de certas palavras.

09. “Mas, como disse Drummond na crônica Antigamente, ‘tudo isso era antigamente, isto é, outrora’ ”. (§ 7)

No texto, o autor escreveu a informação acima com a intenção de:

- a) expressar uma contemplação.
- b) apresentar uma constatação.
- c) introduzir uma interpelação.
- d) destacar uma suposição.

10. Assinale a alternativa em que o termo sublinhado NÃO tem o mesmo sentido que a palavra dada entre parênteses:

- a) "Evidentemente, as palavras são o espelho da realidade e mudam com o mesmo dinamismo com que muda a realidade." (§ 2) (movimento)
- b) [...] tenham sido sentenciadas de morte em tribunal de legitimidade duvidosa, como 'favela', 'aleijão', 'prenhez'..." (§ 2) (validade)
- c) [...] talvez por obrigar a uma inversão sintática da oração, começou a causar embaraço aos usuários menos destros do vernáculo." (§ 3) (idioma)
- d) [...] para evitar o emprego de um 'cujo' que, mal colocado, é uma verdadeira casca de banana à espera do transeunte incauto." (§ 3) (acaltelado)

11. "Mas o espantoso é que até palavras gramaticais, aquelas que não espelham a realidade, apenas fazem a língua funcionar, também morram – por vezes, assassinadas pelos próprios falantes." (§ 3)

É CORRETO afirmar que a expressão grifada na construção acima é classificada sintaticamente como:

- a) agente da passiva.
- b) sujeito de tipo passivo.
- c) pronome apassivador.
- d) forma verbal na voz passiva.

12. Assinale a alternativa em que o pronome "cujo" é utilizado de acordo com a norma-padrão:

- a) Os autores de língua portuguesa de cujos obras mais gosto são Machado de Assis e Guimarães Rosa.
- b) A escritora cuja citação te apresentei naquele cartão de aniversário é Clarice Lispector.
- c) Exemplo de mudança gramatical é o vocábulo "embora" cuja a forma antiga era "em boa hora".
- d) As explicações sobre cujas suas linhas me expressei estão expostas em meu diário de adolescente.

13. "É o caso de 'cujo', pronome relativo possessivo, muito útil no passado, mas que, talvez por obrigar a uma inversão sintática da oração, começou a causar embaraço aos usuários menos destros do vernáculo." (§ 3)

A expressão sublinhada, na passagem acima, é substituída, sem prejuízo de sentido, por:

- a) canhotos.
- b) detratores.
- c) conhecidos.
- d) habilidosos.

14. "Só que daí a 'onde' virar palavra passe-par-tout foi um pulo." (§ 4)

Assinale a afirmativa CORRETA sobre a expressão sublinhada:

- a) É uma locução conjuntiva e introduz ideia de contraste.
- b) É uma locução conjuntiva e introduz ideia de concessão.
- c) É uma locução adverbial e introduz ideia de circunstância.
- d) É uma locução adverbial e introduz ideia de exclusividade.

15. "Para um amante das palavras, para um cultor do estilo, para um admirador da língua, esse passamento dos vocábulos pode ser melancólico e suscitar nostalgia de um tempo quiçá mais poético." (§ 7)

Na passagem acima, o autor utiliza, propositalmente, uma expressão de sentido nostálgico. Assinale a alternativa que reescreve CORRETAMENTE o trecho, sem mudança de sentido do texto original:

- a) [...] e suscitar nostalgia de um tempo muito mais poético.
- b) [...] e suscitar nostalgia de um tempo outrora mais poético.
- c) [...] e suscitar nostalgia de um tempo talvez mais poético.
- d) [...] e suscitar nostalgia de um tempo seguramente mais poético.

**Conhecimento Específico – Questões de 16 a 35**

Leia o texto abaixo e, com base nele, responda às questões de 16 a 35.

**O uso de turbantes por pessoas brancas é apropriação cultural?**

- § 1 Um turbante tornou-se o epicentro de um acalorado debate sobre apropriação cultural e racismo, viralizado pelas redes sociais nos últimos dias.
- § 2 Identificado como um símbolo da população negra e da ancestralidade africana no Brasil, o adereço ganhou, nos últimos anos, destaque em editoriais de moda e passou a ser encontrado com facilidade em lojas, multiplicando seu uso por pessoas de diversas origens.
- § 3 A produção em massa do objeto e o uso motivado apenas por interesses estéticos, inspira, porém, críticas e ressalvas feitas pela população negra, que aponta problemas com essa prática, se feita sem reflexão, como a invisibilização de quem produziu aquela cultura.
- § 4 Por aqui, a discussão atingiu o ponto de ebulação no início de fevereiro, quando uma estudante de Curitiba escreveu em seu perfil no Facebook que teria sido criticada por mulheres negras por usar um turbante.
- § 5 O post original foi compartilhado por 38 mil pessoas, um alcance galvanizado pelo fato de a autora justificar o uso do adereço por conta do tratamento que faz para leucemia e pelo uso da hashtag #VaiTerBrancaDeTurbanteSim. O caso foi alvo de reportagens em diversos veículos e, com seus desdobramentos, foco de vários comentários nas redes sociais.
- § 6 Não é a primeira vez que o assunto ganha os holofotes. Em 2015, uma das estrelas do reality-show *Keeping Up With the Kardashians*, Kylie Jenner, foi criticada por uma foto em que aparecia com os cabelos trançados. No Brasil, a marca Farm também recebeu seu quinhão ao publicar um editorial em que apresentava uma modelo branca com um turbante e uma representação também pálida da entidade de matriz africana lemanjá.
- § 7 O debate sobre a apropriação cultural, porém, ultrapassa as fronteiras de uma discussão individual sobre se pessoas brancas podem ou não usar adereços como turbante, cabelos trançados ou dreads. Trata-se, principalmente, de uma discussão sobre racismo, etnocentrismo, capitalismo e sobre o uso que instituições como a indústria da moda fazem de produções de grupos minorizados. Pesquisadora na área de representação do negro na mídia, a bacharel em História e educadora Suzane Jardim explica como se dá o processo de apropriação cultural.
- § 8 O fenômeno acontece quando um estrato social historicamente dominante marginaliza uma etnia, religião ou cultura, tornando seus símbolos e práticas abomináveis aos olhos da sociedade. Com isso, o grupo marginalizado abandona tais práticas, como uma forma de se adequar, na tentativa de sofrer menos preconceito: "Com esse processo concluído, o mesmo grupo responsável pela marginalização passa, então, a ressignificar essas práticas e símbolos antes condenados, tentando torná-los atrativos para a maioria da população e visando o lucro", explica. "Nesse processo, toda a essência simbólica dos elementos é perdida. Eles passam a ser apenas objetos de desejo, cada vez mais caros e inacessíveis para os que foram primeiramente hostilizados".
- § 9 A filósofa Djamila Ribeiro, colunista de *CartaCapital*, dá o exemplo do axé music, nascido no Carnaval de Salvador, a cidade com a população mais negra fora da África: "O axé foi criado por pessoas negras, que hoje pulam o Carnaval segregadas, do outro lado da corda. As cantoras de axé que mais fazem sucesso hoje são brancas e loiras", diz. Além disso, o fato de cabelos trançados estarem na moda ou turbantes disponíveis em lojas de departamento e estampados em capas de revistas não se traduz em direitos e respeito aos negros e negras no Brasil. "Eu, quando uso turbante na rua, as pessoas me apontam e me discriminam. Ao mesmo tempo, uma pessoa branca com o mesmo acessório é vista como moderna", conta Ribeiro.
- § 10 "A mulher branca que não faz parte de religiões de matriz africana usa o turbante, as tranças ou os dreads porque viu em revistas de moda que aquilo a deixa bela, porque encontrou locais onde poderia comprar tudo aquilo e sabe que receberá elogios com o uso", afirma Suzane Jardim. Segundo ela, em geral esses elementos são vistos apenas como adereços estéticos. Assim, explica ela, existe um avô sistêmico para o uso desses objetos, reforçado pela mídia e pela publicidade. Por outro lado, pondera, o mesmo não ocorre com uma mulher negra que toma as mesmas decisões: "É essa diferença de tratamento e de percepção na sociedade que causa o choque".

- § 11 Para Rosane Borges, há um apagamento perverso e histórico das contribuições feitas pelas culturas negras e africanas: "O Brasil é um país absolutamente apartado do ponto de vista das estruturas, mas que toma a cultura como um símbolo da ausência do racismo, porque somos todos juntos, todo mundo gosta de samba e de futebol", afirma a colunista de *CartaCapital*, lembrando que, por outro lado, as verbas destinadas à manutenção das casas de religiões de matriz africana não têm o mesmo vulto das destinadas às igrejas católicas, por exemplo.
- § 12 Doutora em Antropologia pela USP, Marina Pereira de Almeida Mello reafirma que a apropriação cultural é um conceito que existe nas Ciências Sociais e Humanas. Ele, no entanto, refere-se muito mais às apropriações feitas pelas indústrias e pelo capitalismo em si do que a ações individuais: "Essa proliferação do uso do turbante tem sido estimulada pela indústria, pelas confecções, pela indústria da moda, que tem investido em uma ideia de étnico totalmente descontextualizada", afirma a professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Ela lamenta que o debate sobre um tema importante esteja sendo feito, de forma geral, de maneira tão polarizada e sem aprofundamento. "Para você respeitar, conhecer e reverenciar, é preciso um conhecimento. Como vivemos num mundo racista, isso acaba passando ao largo de todas as discussões".
- § 13 As especialistas também apontam para a diferença que existe entre uma pessoa branca e uma negra ostentando turbante ou o cabelo trançado: "Quando eu, mulher negra, afirmo no meu corpo elementos que são socialmente desprestigiados, o peso é diferente. No meu caso, estou resistindo a um movimento que pede a todo momento que eu alise meu cabelo e 'embranqueça'. Quando uma pessoa branca usa esses símbolos, ela não vai representar resistência ou ser excluída de nenhum espaço", critica Mello.
- § 14 Repórter especial de Estilo e Beleza na revista *Azmina*, Juliana Luna lembra que, há 10 anos, ostentar cabelos afro sendo negra era uma forma de resistência, que afrontava a sociedade. "As pessoas mandavam eu lavar o cabelo, me pentear, me chamavam de 'nega do cabelo duro'", conta. Hoje, ela ministra oficinas de amarração de turbantes em que aceita também pessoas brancas. Segundo ela, é uma forma de construir pontes e de "furcar a bolha" por meio do diálogo: "A apropriação cultural não surgiu do nada, porque uma pessoa branca saiu na rua e colocou um turbante", afirma. "A repercussão aconteceu porque as pessoas se cansaram de ver certos elementos e símbolos culturais sendo utilizados dessa maneira, sem cuidado, sem nenhum interesse. É como se você pegasse uma coisa, utilizasse aquilo e jogasse no chão quando ficasse cansada. Não é assim que a nossa cultura e a nossa sabedoria, as coisas consideradas dentro da cultura negra como sagradas, belas e importantes devem ser utilizadas", diz. "É como a questão do colonizador, de achar que aquilo lhe pertence, usar sem pedir licença e ainda invisibilizar o contexto histórico, social e cultural".

(OLIVEIRA, Tory. O uso de turbantes por pessoas brancas é apropriação cultural? Disponível em: <https://cartacapital.com.br/sociedade/turbantes-e-apropriacao-cultural>. Acesso em: 25 fev. 2017. Adaptado.)

16. O objetivo comunicativo do texto é:

- a) discutir o uso sem reflexão do turbante como uma possível forma de apropriação cultural de um símbolo da matriz africana.
- b) denunciar os lucros exorbitantes que a indústria da moda tem anualmente com a comercialização de turbantes no Brasil.
- c) descrever como as polêmicas geradas pelas redes sociais tem um impacto direto no cotidiano da sociedade brasileira.
- d) demonstrar como os brasileiros podem se valer de elementos simbólicos provenientes de outras culturas para combater a prática secular do racismo.

17. De acordo com o texto, é INCORRETO afirmar que:

- a) a reprodução em massa de turbantes não é vista com bons olhos pela população negra, que entende essa prática como uma forma de apropriação cultural.
- b) a discussão sobre o uso de turbantes não pode ser feita sem relacioná-la com racismo, etnocentrismo, capitalismo e indústria da moda.
- c) a discussão sobre o caso da estudante de Curitiba, que foi criticada por usar um turbante, não foi a primeira polêmica do gênero no contexto brasileiro.
- d) o uso de turbantes, originado na África Central, foi trazido para o Brasil com os negros que vieram trabalhar em Salvador na produção de açúcar.

18. “O fenômeno acontece quando um estrato social historicamente dominante marginaliza uma etnia, religião ou cultura, tornando seus símbolos e práticas abomináveis aos olhos da sociedade.” (§ 8)

Com base no texto, é CORRETO afirmar que esse fenômeno se refere:

- a) ao preconceito racial.
- b) à colonização pós-moderna.
- c) à apropriação cultural.
- d) à invizibilização sócio-histórica.

19. De acordo com o texto, sobre o conceito de apropriação cultural, é CORRETO afirmar que:

- a) foi introduzido nas Ciências Humanas pelo uso sem critério de turbantes por pessoas brancas.
- b) se refere mais às apropriações feitas pelas indústrias e pelo capitalismo em si do que a ações individuais.
- c) é um processo típico de países de colonização forte, o que não impede, porém, de que ocorra também nos países colonizadores.
- d) está estreitamente ligado ao mundo pós-moderno onde as identidades líquidas fazem com que as pessoas busquem outras formas de representação do eu.

20. “Identificado como um símbolo da população negra e da ancestralidade africana no Brasil, o adereço ganhou, nos últimos anos, destaque em editoriais de moda e passou a ser encontrado com facilidade em lojas, multiplicando seu uso por pessoas de diversas origens.” (§ 2)

A expressão sublinhada na passagem acima se relaciona textualmente a outra, “Um turbante” (§ 1), por meio de um processo de:

- a) catáfora.
- b) anáfora.
- c) anástrofe.
- d) sinérese.

21. “Um turbante tornou-se o epicentro de um acalorado debate sobre apropriação cultural e racismo, viralizado pelas redes sociais nos últimos dias.” (§ 1)

Na passagem acima, a expressão sublinhada é empregada como:

- a) objeto direto.
- b) objeto indireto.
- c) parte integrante do verbo.
- d) índice de indeterminação do sujeito.

22. “A produção em massa do objeto e o uso motivado apenas por interesses estéticos, inspira, porém, críticas e ressalvas feitas pela população negra, que aponta problemas com essa prática, se feita sem reflexão, como a invisibilização de quem produziu aquela cultura.” (§ 3)

A palavra sublinhada na passagem acima retoma CORRETAMENTE a expressão:

- a) críticas e ressalvas.
- b) a população negra.
- c) a produção em massa do objeto.
- d) o uso motivado apenas por interesses estéticos.

23. “Por aqui, a discussão atingiu o ponto de ebulação no início de fevereiro, quando uma estudante de Curitiba escreveu em seu perfil no Facebook que teria sido criticada por mulheres negras por usar um turbante.” (§ 4)

Assinale a afirmativa CORRETA sobre a expressão sublinhada:

- a) Refere-se ao *site* onde a matéria foi publicada.
- b) Refere-se ao Estado do Paraná.
- c) Não admite, na língua portuguesa, flexão de número.
- d) Admite, na língua portuguesa, grau superlativo.

24. “O post original foi compartilhado por 38 mil pessoas [...].” (§ 5)

Com base na análise estrutural da passagem acima, é INCORRETO afirmar que:

- a) a expressão “o post original” funciona como sujeito.
- b) se trata de uma construção na voz passiva pronominal.
- c) a informação “por 38 mil pessoas” funciona como agente da passiva.
- d) a expressão “foi compartilhado” é formada por uma locução verbal.

25. “[...] um alcance galvanizado pelo fato de a autora justificar o uso do adereço por conta do tratamento que faz para leucemia e pelo uso da hashtag #VaiTerBrancaDeTurbanteSim.” (§ 5)

Na passagem acima, a expressão sublinhada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:

- a) previsível.
- b) provável.
- c) observado.
- d) estimulado.

26. “Não é a primeira vez que o assunto ganha os holofotes. Em 2015, uma das estrelas do reality-show *Keeping Up With the Kardashians*, Kylie Jenner, foi criticada por uma foto em que aparecia com os cabelos trançados.” (§ 6)

Sobre o trecho sublinhado na passagem acima, é CORRETO afirmar que se trata de uma oração:

- a) coordenada sindética aditiva.
- b) subordinada adjetiva restritiva.
- c) coordenada sindética explicativa.
- d) subordinada substantiva completiva nominal.

27. "O debate sobre a apropriação cultural, porém, ultrapassa as fronteiras de uma discussão individual sobre se pessoas brancas podem ou não usar adereços como turbante, cabelos trançados ou dreads." (§ 7)

Na passagem acima, a expressão sublinhada introduz a ideia de:

- a) adição.
- b) conclusão.
- c) contraste.
- d) consequência.

28. "A filósofa Djamila Ribeiro, colunista de CartaCapital, dá o exemplo do axé music, nascido no Carnaval de Salvador, a cidade com a população mais negra fora da África." (§ 9)

Assinale a alternativa que apresenta CORRETAMENTE a função desempenhada pela expressão sublinhada:

- a) aposto.
- b) predicativo.
- c) adjunto adnominal.
- d) complemento nominal.

29. "O axé foi criado por pessoas negras, que hoje pulam o Carnaval segregadas, do outro lado da corda." (§ 9)

A expressão sublinhada foi utilizada pela autora para:

- a) descrever como as pessoas se organizam durante as comemorações do carnaval de rua na Bahia.
- b) explicar ao leitor que não conhece tal realidade práticas histórico-culturais específicas do carnaval baiano.
- c) demonstrar como a noção espacial denuncia claramente o processo de apropriação cultural pelo qual passou o axé.
- d) enfatizar a miscigenação do carnaval baiano, que sempre conta com a participação de pessoas provenientes de diversas culturas.

30. "Além disso, o fato de cabelos trançados estarem na moda ou turbantes disponíveis em lojas de departamento e estampados em capas de revistas não se traduz em direitos e respeito aos negros e negras no Brasil." (§ 9)

É CORRETO afirmar que a expressão sublinhada na passagem acima constitui na língua portuguesa um uso de:

- a) futuro do subjuntivo.
- b) infinitivo flexionado.
- c) presente do subjuntivo.
- d) presente do indicativo.

31. “[...] por outro lado, as verbas destinadas à manutenção das casas de religiões de matriz africana não têm o mesmo vulto das destinadas às igrejas católicas, por exemplo.” (§ 11)

Na passagem acima, a expressão sublinhada tem sentido análogo a:

- a) investidor.
- b) aspecto.
- c) porte.
- d) fantasma.

32. “Para você respeitar, conhecer e reverenciar, é preciso um conhecimento. Como vivemos num mundo racista, isso acaba passando ao largo de todas as discussões.” (§ 12)

Assinale a alternativa em que a reescrita da passagem acima NÃO acarreta substancial mudança de sentido:

- a) Para você respeitar, conhecer e reverenciar, é preciso um conhecimento. Como vivemos num mundo racista, isso acaba não sendo enfocado em todas as discussões.
- b) Para você respeitar, conhecer e reverenciar, é preciso um conhecimento. Como vivemos num mundo racista, isso acaba por reacender todas as discussões.
- c) Para você respeitar, conhecer e reverenciar, é preciso um conhecimento. Como vivemos num mundo racista, isso acaba por empobrecer todas as discussões.
- d) Para você respeitar, conhecer e reverenciar, é preciso um conhecimento. Como vivemos num mundo racista, isso acaba não sendo negligenciado em todas as discussões.

33. Assinale a alternativa que NÃO apresenta erro ortográfico:

- a) Seria equivocado pensar que a apropriação cultural é uma excepcionalidade na cultura brasileira, pois ela vem sendo praticada desde a colonização portuguesa.
- b) O racismo e a segregação social de negros e pobres tem sido a tônica na formação da sociedade brasileira ao longo dos últimos cinco séculos.
- c) A desmitificação do uso do turbante foi grandemente estimulada pela indústria da moda, sem que houvesse havido um cuidado com os valores étnicos africanos.
- d) A discussão sobre o uso dos turbantes não pode ser feita desvinculada de questões que envolvam etnocentrismo, racismo e capitalismo.

34. “Segundo ela, é uma forma de construir pontes e de ‘furar a bolha’ por meio do diálogo.” (§ 14)

Na expressão ‘furar a bolha’, as aspas foram empregadas para:

- a) introduzir discurso direto livre.
- b) transcrever um discurso alheio.
- c) dar à expressão um sentido particular.
- d) demarcar um estrangeirismo sintático.

35. " 'A apropriação cultural não surgiu do nada, porque uma pessoa branca saiu na rua e colocou um turbante', afirma. 'A repercussão aconteceu porque as pessoas se cansaram de ver certos elementos e símbolos culturais sendo utilizados dessa maneira, sem cuidado, sem nenhum interesse. É como se você pegasse uma coisa, utilizasse aquilo e jogasse no chão quando ficasse cansada. Não é assim que a nossa cultura e a nossa sabedoria, as coisas consideradas dentro da cultura negra como sagradas, belas e importantes devem ser utilizadas', diz. 'É como a questão do colonizador, de achar que aquilo lhe pertence, usar sem pedir licença e ainda invisibilizar o contexto histórico, social e cultural'." (§ 14)

No trecho acima, é INCORRETO afirmar que:

- a) a forma “você” funciona como um elemento de generalização ou indeterminação.
- b) as formas “pegasse”, “utilizasse” e “jogasse” estão flexionadas no tempo imperfeito e no modo subjuntivo.
- c) a forma “importantes” está ligada sintaticamente a dois qualificativos, “sagradas” e “belas” por meio de um processo de coordenação.
- d) a forma “invisibilizar” apresenta, ao mesmo tempo, três processos morfológicos: prefixação, sufixação e inflexão.